

DEVIRES

C I n e m a e H u m a n i d a d e s

ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA LIVRE

César Guimarães
Glaura Cardoso Vale
Maria Ines Dieuzeide

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Brandão (UNISUL)
Amaranta César (UFRB)
Ana Luíza Carvalho (UFRGS)
Andréa França (PUC-Rio)
Ângela Prysthon (UFPE)
Anita Leandro (UFRJ)
Beatriz Furtado (UFC)
Cezar Migliorin (UFF)
Consuelo Lins (UFRJ)
Cornélia Eckert (UFRGS)
Cristina Melo Teixeira (UFPE)
Denilson Lopes (UFRJ)
Eduardo de Jesus (PUC-MG)
Eduardo Morettin (USP)
Eduardo Vargas (UFMG)
Erick Felinto (UERJ)
Erly Vieira Júnior (UFES)
Fernando Resende (UFF)
Henri Gervaiseau (USP)
Ismail Xavier (USP)
Jair Tadeu da Fonseca (UFSC)
Jean-Louis Comolli (Paris VIII)
João Luiz Vieira (UFF)
José Benjamin Picado (UFBA)
Leandro Saraiva (UFSCAR)
Márcio Serelle (PUC/MG)
Marcius Freire (Unicamp)
Mariana Baltar (UFF)
Maurício Lissovsky (UFRJ)
Maurício Vasconcelos (USP)
Osmar Gonçalves (UFC)
Patrícia Franca (UFMG)
Paulo Maia (UFMG)
Phillipe Dubois (Paris III)
Phillipe Lourdou (Paris X)
Ramayana Lira (UNISUL)
Réda Bensaíma (Brown University)
Regina Helena da Silva (UFMG)
Renato Athias (UFPE)

Ronaldo Noronha (UFMG)
Sabrina Sedlmayer (UFMG)
Silvina Rodrigues Lopes (Universidade Nova de Lisboa)
Stella Senra
Susana Dobal (UnB)
Suzana Reck Miranda (UFSCar)
Sylvia Novaes (USP)

EDITORES

Anna Karina Bartolomeu
André Brasil
Cláudia Mesquita
César Guimarães
Carlos M. Camargos Mendonça
Mateus Araújo
Roberta Veiga
Ruben Caixeta de Queiroz

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Bruno Martins
Carlos M. Camargos Mendonça

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Thiago Rodrigues Lima

BOLSISTA TÉCNICO - PPGCOM

Nilmar Barcelos

IMAGENS

Imagem de Vincent Carelli utilizada em *Pĩõnhitsi, mulheres xavantes sem nome* (Divino Tserewahú e Tiago Campos Torres, 2009) (pág. 12)
Vingue tudo, mas deixe um de meus olhos (Avi Mograbi, 2005) (pág. 24)
Ne change rien (Pedro Costa, 2009) (pág. X)
Branco sai, preto fica (Adirley Queirós, 2014) (págs. 4-5 e 58)
O Inventário da Rapina (Aloysio Raulino, 1986) (pág. 78)
Juízo (Maria Augusta Ramos, 2008) (pág. 90)
Nelson Freire – um filme sobre um homem e sua música (João Moreira Salles, 2002) (pág. 112)

APOIO

Grupo de Pesquisa *Poéticas da Experiência*
FAFICH – UFMG

Publicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH)

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Programa de Pós-Graduação em Comunicação / Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Avenida Antônio Carlos, 6627 – Pampulha 31270-901 – Belo Horizonte – MG Fone: (31) 3409-5050

D 495 DEVIRES – cinema e humanidades / Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) – v.10 n.2 (2013) –

Semestral
ISSN: 1679-8503

1. Antropologia. 2. Cinema. 3. Comunicação. 4. Filosofia. 5. Fotografia. 6. História. 7. Letras. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Sumário

- 6 Apresentação
César Guimarães

Temática Livre: documentário

- 12 Sobreviver com as imagens: o documentário, a vida e os modos de vida em risco
Amaranta Cesar
- 24 Três suposições sobre a adversidade no documentário
Marcelo Pedroso
- 42 A apropriação de repertórios como operação amorosa
Fábio Ramalho
- 58 O desvio pela ficção: contaminações no cinema brasileiro contemporâneo
Victor Guimarães
- 78 Fotograma comentado - Escrita e leitura do movimento no cinema de Aloysio Raulino
Glaura Cardoso Vale

Entrevista

- 88 As imagens silenciosas e os corpos em desajuste no cinema de Maria Augusta Ramos
Andréa França e José Carlos Avellar

Fora-de-campo

- 110 Ouvir o lugar, compreender o espaço, escutar a cena
Serge Cardinal
- 130 Normas de publicação





Apresentação

Ao migrar para o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), a *Devires – Cinema e Humanidades* inicia uma nova fase, tendo também renovado seu Conselho Editorial, que passou a contar com a participação ampliada e diversificada de pesquisadores do campo do cinema e da fotografia de diferentes universidades do país. Esse processo nos tomou tempo, mas também ensejou outras mudanças. Aproveitamos assim para variar a estratégia editorial que vínhamos adotando desde então – ao organizar dossiês em torno de questões específicas ou de autores escolhidos – e lançamos uma chamada para artigos de temática livre. Recebemos uma quantidade significativa de trabalhos que nos permitiu organizar dois números, um dedicado ao documentário, outro à ficção.

O vol. 10, n. 2, ao tratar de filmes orientados por diferentes preocupações e estilísticas, abordados também sob perspectivas variadas, demonstra o quanto o documentário se assume cada vez como forma aberta e mutante, que se vale de uma multiplicidade de recursos expressivos – em franco diálogo com a ficção – e pronto a enfrentar as forças com que o real o interpela e fustiga, seja no âmbito das existências subjetivas, seja na escala dos processos históricos e coletivos.

No artigo que abre esse número, “Sobreviver com as imagens: o documentário, a vida e os modos de vida em risco”, Amaranta César analisa dois filmes que, ao confrontarem as ameaças que atingem os sujeitos filmados – caso de *Corumbiara* (Vincent Carelli) e de *Pi’õnhitsi, Mulheres Xavante sem nome* (Divino Tserewahú e Tiago Campos Tôrres) – instituem gestos de resistência e salvam modos de vida indígena, fazendo valer a dimensão performativa das imagens e a sua potência em suscitar acontecimentos no mundo.

Em “Três suposições sobre a adversidade no documentário”, Marcelo Pedroso distingue três princípios que sustentam os filmes que se põem numa relação de conflito entre o realizador e os sujeitos filmados. Tomando como exemplo principal a obra de Michael Moore, Pedroso explana sobre a

conciliação entre cumplicidade e adversidade, a dimensão ética daí derivada e a necessidade do reconhecimento mútuo do realizador e do sujeito filmado como adversários.

Fábio Ramalho, em “A apropriação de repertórios como operação amorosa”, detalha em filigrana o universo de citações e referências das canções interpretadas pela cantora e atriz Jeanne Balibar no documentário *Ne change rien*, de Pedro Costa. Ao se deter especialmente nas reverberações do verso de Gertrude Stein – “*Rose is a rose is a rose is a rose*” –, refrão de uma das canções, o autor mostra como a evocação da figura da amante traduz igualmente uma relação amorosa com o repertório das formas cinematográficas.

Victor Guimarães, em “O desvio pela ficção: contaminações no cinema brasileiro contemporâneo” extrai os traços mais significativos de um diversificado conjunto de filmes em um arco de experimentação e inventividade que inclui desde *Jogo de cena*, de Eduardo Coutinho, até *A cidade é uma só?*, de Adirley Queirós. Atento à diversidade estilística do conjunto, o autor sublinha as muitas maneiras de se promover o trânsito entre os regimes da ficção e do documentário.

A seção Fotograma Comentado é assinada por Glaura Cardoso. Em “Escrita e leitura do movimento no cinema de Aloysio Raulino”, a autora se detém em um plano de *Inventário da rapina* no qual o cineasta narra um episódio que, ao evocar o universo de Jorge Luis Borges, traduz, à maneira de um enigma, a relação entre a escrita do filme e seu atravessamento pelos personagens e espaços urbanos.

Maria Augusta Ramos, a cineasta que deixou seus estudos de música eletroacústica para se dedicar ao documentário, é entrevistada por Andrea França e José Carlos Avellar. Em uma conversa guiada pela atenção à especificidade dos recursos expressivos acionados pelo seu método de criação a realizadora fala, dentre outros assuntos, da importância de Bresson e Ozu em sua formação (dos quais herdou o rigor na composição dos planos e a economia narrativa), das passagens entre ator e personagem e da cumplicidade que mantém com os sujeitos filmados.

A seção Fora-de-campo, que fecha essa edição, traz um texto de Serge Cardinal, estudioso do som no cinema, traduzido por Cristiane da Silveira Lima. Em “Ouvir o lugar, compreender

o espaço, escutar a cena”, o autor descreve como as ocorrências sonoras (tanto na qualidade acústica quanto na identidade da fonte sonora) conduzem à criação do espaço fílmico pelo espectador, que divide sua escuta entre a apreciação da dimensão qualitativa da matéria sonora e atividade cognitiva que lhe permite construir o quadro situacional da narrativa.

Enfim, sem perder o foco de suas preocupações teóricas e críticas, este número de temática livre permitiu à revista reunir um grupo de artigos que primam pela diversidade de suas abordagens e pela consistência de seus argumentos, o que vem inteiramente ao encontro do modo com que o cinema tanto guarda e reproduz suas formas estabelecidas, quanto as lança em movimentos de deslocamento e mudança.

César Guimarães

TEMÁTICA

LIVRE

documentário